

Tecnologias emergentes e edição de livros no Brasil: o uso de IA e suas transformações em práticas editoriais¹

Thaís Afonso de Jesus²
Universidade de São Paulo – USP

Resumo

A pesquisa analisa o uso contemporâneo da inteligência artificial (IA) no mercado editorial brasileiro, a partir de levantamento de práticas adotadas por editoras em áreas como criação de capas, marketing, análise de manuscritos e produção de audiolivros. São discutidas implicações éticas, como a transparência e a autoria de conteúdo, a partir de casos emblemáticos. Considerando a editoração como campo nos estudos da Comunicação, a análise privilegia as articulações entre edição, linguagem e cultura, abordando os desafios éticos, operacionais e simbólicos que emergem da crescente adoção de inteligência artificial generativa (IAG) na produção editorial. O estudo destaca a necessidade de equilibrar inovação tecnológica com regulação, responsabilidade ética e cultural na promoção da biodiversidade.

Palavra-chave: inteligência artificial; produção editorial; editoração; biodiversidade.

A cibercultura tem promovido profundas transformações no mercado editorial, redefinindo a produção, a distribuição e o consumo de livros (Thompson, 2013). Nos últimos anos, a inteligência artificial generativa (IAG) emergiu como uma das principais tecnologias disruptivas, impactando diversos setores, inclusive o editorial. As tecnologias contemporâneas transformaram profundamente o trabalho do autor e do editor, introduzindo novos desafios e oportunidades.

Neste artigo buscamos evidenciar como algumas dessas transformações têm ocorrido, propondo uma análise crítica a partir de estudos em Comunicação Social, com ênfase na interseção entre editoração, linguagem e cultura.

A pesquisa foi conduzida por meio de análise qualitativa, com levantamento documental de práticas editoriais divulgadas em fontes públicas (sites institucionais, notícias, entrevistas e redes sociais) e análise de casos emblemáticos de uso de IAG por editoras nacionais. Foram mapeadas algumas editoras com iniciativas destacadas no uso de tecnologias emergentes, com foco na compreensão de seus objetivos, ferramentas utilizadas e impactos simbólicos e operacionais. Complementarmente, foram

¹ Trabalho apresentado no GP25 Produção Editorial, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação, da Escola e Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – USP.
E-mail: thaisafonso@usp.br.

sistematizadas tendências e desafios enfrentados pelo setor editorial brasileiro diante do avanço do uso de ferramentas generativas de produção de conteúdo.

No Brasil, editoras de diferentes perfis têm incorporado ferramentas baseadas em IAG em processos como criação de capas, análise de manuscritos, produção de audiolivros, marketing digital e ilustração. Esse movimento revela uma tendência de digitalização, mas também suscita importantes debates sobre ética, autoria, regulação e biodiversidade, esta última compreendida como a diversidade aplicada ao contexto dos livros, Susan Hawthorne (2018) a define como um “sistema autossuficiente de relatos, escrita e editoras” (p. 20).

Editoras como Gente e Darkside Books têm investido em tecnologias digitais para oferecer experiências de leitura interativas, personalizadas e gamificadas. A Editora Intrínseca tem explorado estratégias de engajamento em plataformas como Instagram e TikTok, com foco em comunidades de leitores. A Melhoramentos desenvolveu projetos de incentivo à leitura em ambientes digitais, como o Literama. A Viseu incorporou o uso do sistema *Open Monograph Press* para gestão editorial, demonstrando como a IA também atua em processos administrativos e de acesso às publicações. O caso da Editora Novo Século, que utilizou IAG para ilustrar uma edição de *Alice no País das Maravilhas*, tornou-se símbolo de controvérsia. A ausência de transparência sobre o uso da tecnologia, descoberta por leitores atentos às características das imagens, gerou críticas quanto à substituição de ilustradores humanos e às implicações autorais da prática.

Uso de IA por algumas editoras	
Editora	Descrição
Editora Gente	Experiências de leitura interativas e personalizadas, incluindo marketing, vendas, plataformas digitais e gamificação.
Editora Darkside	Exploração de novas tecnologias em publicações, com projetos interativos e edições digitais que ampliam a experiência do leitor.
Editora Intrínseca	Adoção de estratégias digitais para engajar leitores, promovendo livros via <i>Bookstagram</i> e <i>BookTok</i> .
Melhoramentos	Desenvolvimento de projetos de gamificação, como <i>Imagina Mundo</i> e <i>Literama</i> , para incentivo à leitura em ambientes interativos.
Novo Século	Ilustração de capas
Editora Viseu	Sistema <i>Open Monograph Press (OMP)</i> para gerenciar o fluxo editorial.

Quadro 1: elaboração da autora.

Formas de aplicação das ferramentas	
Aplicação	Descrição
Análise de Manuscritos	Identificação de plágios e filtragem de originais.
Previsão de Tendências	Análise de dados de mercado e de tendências de leitura
Produção de Audiolivros	Tecnologia de narração sintética para produzir em larga escala.
Marketing e Publicidade	Otimização de campanhas de marketing, segmentação de audiências e personalização de abordagens. Melhoria de metadados para aumentar visibilidade em mecanismos de busca e plataformas de venda.
Automatização de Processos Internos	Automação de tarefas administrativas e de fluxos operacionais.
Ilustrações com IA	Para elaboração de capas e ilustrações internas das obras.
Traduções	Apesar de utilizado, o tema é controverso e não regulamentado.

Quadro 2: elaboração da autora.

Contudo, o uso de ferramentas de IAG não apenas modificou a forma como os autores e editores criam e distribuem as obras, mas também introduziu novos desafios para todos os que operam no mercado editorial.

As ferramentas de inteligência artificial generativa, ao serem treinadas com grandes volumes de dados, utilizam obras protegidas por direitos autorais. Conforme a legislação brasileira vigente, a Lei de Direitos Autorais (LDA – Lei nº 9.610/1998), o uso dessas obras exige autorização prévia dos titulares, e a ausência desse consentimento configura múltiplas violações legais. Cada obra utilizada indevidamente nos treinamentos de IAG pode infringir diversos artigos da LDA.

Entre os usos mais comuns da IAG no mercado editorial, destacam-se: a assistência na escrita e análise de manuscritos; a capacidade preditiva para antecipar demandas e de tendências de segmentos; a automação de processos internos das editoras tais como seleção, revisão e fluxos operacionais; e a produção de audiolivros por sistemas de texto para voz. No campo do marketing, ferramentas de IA automatizam metadados para personalizar campanhas, aumentando a visibilidade de alguns livros.

Foi registrado entre 2022 e 2023, um significativo crescimento na produção de e-books e audiolivros, com um aumento de 158% no faturamento editorial, demonstrando como as novas ferramentas de IA têm ampliado as possibilidades de elaboração de conteúdos (Facchini, 2024).

O crescimento vultoso de títulos viabilizado por ferramentas de geração automática de texto configura um fenômeno de massificação editorial que, embora amplie a oferta de livros, traz implicações preocupantes em termos de qualidade. Conforme descreve o *Olhar Digital* (2024), muitos desses conteúdos apresentam características

objetivas de baixa qualidade, como erros gramaticais recorrentes, incoerências narrativas, repetição de informações, estrutura textual desorganizada e ausência de profundidade argumentativa ou literária. Além disso, a falta de revisão humana adequada compromete aspectos fundamentais como a consistência do enredo, a fidelidade conceitual e o cuidado estilístico. O relatório ainda destaca que a ausência de curadoria editorial profissional favorece a publicação de materiais com informações incorretas ou mal fundamentadas, aumentando o risco de disseminação de desinformação. Tal cenário gera uma sobrecarga de oferta que dificulta a visibilidade de obras de maior relevância social, educativa ou literária, prejudicando o acesso do leitor a conteúdos com valor cultural consolidado e dificultando o fortalecimento da bibliodiversidade no mercado editorial.

O volume de produção de livros utilizando inteligência artificial (IA) tem crescido de forma tão exponencial que a Amazon precisou implementar, em 2023, uma diretriz que limita os autores independentes a submeterem no máximo três títulos por dia na sua plataforma *Kindle Direct Publishing* (KDP). Uma tentativa de conter o aumento descontrolado de conteúdos gerados por IAG, que passou a ocupar um espaço expressivo no catálogo da empresa. As publicações variam entre livros infantis, obras de autoajuda, ficção e até mesmo textos que emulam o estilo de escritores consagrados. As novas diretrizes da KDP fazem uma distinção entre conteúdos "gerados por IA", incluindo textos e traduções inteiramente criados por ferramentas automatizadas, e conteúdos "assistidos por IA", nos quais os autores utilizam recursos tecnológicos apenas para aprimorar a produção textual. No cenário internacional, a Amazon também tem enfrentado um crescimento no número de reclamações por parte de leitores e autores, que questionam a qualidade dos materiais disponíveis e a viabilidade econômica da autopublicação diante da concorrência com obras automatizadas (Núcleo Jornalismo, 2023a; 2023b).

Diante disso, vemos que a escrita de obras assistida por inteligência artificial generativa tem despontado como um tema a ser analisado, uma vez que a fronteira entre criação humana e contribuição tecnológica se torna menos nítida.

Outro exemplo é o da plataforma Wattpad com a *Story DNA Machine Learning Technology* ferramenta utilizada para analisar aspectos como estrutura das frases, uso das palavras e gramática para revelar o potencial de venda de um livro (Herrero, 2019). Essa análise de dados influencia o processo de produção de livros, criando um sistema que se adapta ao gosto da maioria e serve como um termômetro de potencial de vendas.

O *PublishNews* (2025a) evidencia que as editoras brasileiras têm intensificado o uso de ferramentas de inteligência artificial (IA) como parte de suas estratégias de transformação digital, visando otimizar fluxos de trabalho e melhorar a capacidade de antecipar tendências de consumo no mercado editorial. A aplicação de tecnologias de *machine learning* e análise preditiva permite às editoras processar grandes volumes de dados, gerando *insights* sobre comportamento de leitura, padrões de compra e preferências temáticas, o que orienta tanto a definição de catálogos quanto as campanhas de marketing e distribuição. Essas práticas incluem a utilização de IA para a análise de desempenho de títulos anteriores, previsão de vendas e segmentação de público, fortalecendo as estratégias de comunicação com os leitores. Contudo, esse movimento também acentua preocupações éticas e sociais, especialmente em relação ao futuro de profissionais tradicionais do setor, como revisores, diagramadores, ilustradores e até editores de conteúdo conforme registra o *Correio do Povo* (2025).

Em resposta a esses desafios, iniciativas como a certificação "Human Authored", relatada pelo *Gizmodo Brasil* (2025), surgem como tentativa de diferenciar obras produzidas integralmente por humanos das geradas por IA. A medida busca preservar a autoria intelectual e oferecer maior transparência aos leitores, representando um avanço na governança editorial.

O debate sobre governança interna, tratado em artigo do *PublishNews* (2025b), reforça a necessidade de revisão de políticas editoriais até 2027, com foco na definição de critérios claros para o uso ético de IA. Discussões sobre responsabilidade autoral, direitos trabalhistas e práticas de transparência são apontadas como prioridades.

Por fim, o especial do *Núcleo Jornalismo* (2025) descreve o contexto entre as *Big Techs* de IAG como um verdadeiro "campo de batalha", no qual grandes conglomerados disputam recursos, espaço e relevância diante da aceleração tecnológica. A publicação enfatiza o papel de regulamentações governamentais e a importância de políticas de regulação das novas tecnologias para mitigar os efeitos de concentração de mercado promovidos pelas plataformas de IAG.

A crescente automação de tarefas criativas e editoriais, impulsionada pela adoção de ferramentas de inteligência artificial generativa (IAG), tem intensificado o debate sobre a desvalorização de competências humanas historicamente essenciais ao processo editorial, como a curadoria de conteúdo, a revisão crítica, a criação literária e o design gráfico. Essa transformação tecnológica traz à tona questões complexas relacionadas à

qualidade, à diversidade e à autenticidade dos produtos culturais oferecidos ao público leitor. A rapidez com que essas mudanças vêm ocorrendo exige uma reflexão crítica e multidisciplinar sobre seus impactos éticos, simbólicos e culturais. Entre as principais preocupações estão a disseminação de conteúdos de baixa qualidade, a utilização não autorizada de obras protegidas por direitos autorais no treinamento de modelos de IA, e a necessidade de maior regulamentação, transparência e responsabilidade no uso dessas tecnologias. Além disso, a atual ausência de princípios normativos específicos no âmbito das políticas públicas do livro, que orientem o uso de IAG na produção editorial, evidencia a urgência do desenvolvimento de diretrizes que assegurem a integridade e a autenticidade das obras publicadas, respeitem os direitos dos autores e valorizem o trabalho criativo humano como elemento central da cadeia produtiva do livro.

Os princípios do Projeto de Lei nº 2338/2023 (Brasil), que busca estabelecer diretrizes claras para o uso ético e legal de conteúdos protegidos no contexto da IA reforçam o papel do Brasil como referência internacional em termos de proteção e regulamentação dos direitos de autor frente às novas tecnologias.

No contexto de crescente preocupação com a autoria e a originalidade das obras literárias, iniciativas como a certificação “Human Authored”, promovida pela Guild, emergem como resposta concreta às incertezas trazidas pela proliferação de conteúdos gerados por inteligência artificial (IA). Essa certificação permite que autores identifiquem e valorizem a produção exclusivamente humana, diferenciando seus trabalhos em um mercado editorial saturado por materiais criados com o auxílio de tecnologias generativas. Atualmente, a certificação está restrita a membros e a livros de autoria única, mas há previsão de expansão para incluir obras de coautoria e de autores externos à organização. Tal movimento sinaliza uma tentativa de restaurar a confiança dos leitores na integridade criativa das obras, ao mesmo tempo em que reforça os direitos autorais individuais.

Não podemos deixar de pontuar os complexos desafios relacionados aos vieses algorítmicos que as decisões assistidas por IAG podem causar, principalmente em processos como seleção de manuscritos, recomendação de leitura e desenvolvimento de campanhas de marketing. Visto que esses modelos são treinados com grandes volumes de dados que podem carregar distorções, desigualdades históricas e representações inadequadas, comprometendo a imparcialidade das decisões editoriais.

Conforme aponta o Governo Federal em seu relatório técnico sobre os impactos e riscos da IA generativa (BRASIL, 2024), entre os principais tipos de vieses identificados,

destaca-se o viés de contexto, que ocorre quando a IA aplica interpretações equivocadas por não reconhecer adequadamente variações culturais, linguísticas ou de gênero em diferentes cenários editoriais. O viés de automação é outro fator preocupante, refletindo a tendência de se aceitar como corretas todas as respostas oferecidas pela IA, mesmo quando apresentam erros factuais ou omissões graves. O viés de representatividade evidencia-se quando os dados de treinamento não contemplam a diversidade da sociedade, levando a resultados mais eficazes para determinados grupos em detrimento de outros. Já o viés de seleção decorre da construção de bases de dados pouco variadas ou não aleatórias, produzindo amostras enviesadas. Por fim, o viés de exclusão aponta para a invisibilidade de grupos minoritários, que acabam mal representados ou completamente ignorados nos outputs gerados pelas ferramentas.

A presença de vieses algorítmicos na produção editorial mediada por inteligência artificial (IA) representa um risco significativo à bibliodiversidade, à educação e à cultura. Modelos de IA treinados com conjuntos de dados limitados, não representativos ou historicamente enviesados tendem a reproduzir e amplificar padrões de exclusão, invisibilizando vozes periféricas, autores de grupos minorizados e narrativas fora do *mainstream*. Essa homogeneização editorial pode resultar na redução da diversidade de gêneros, estilos e perspectivas culturais disponíveis ao público leitor. No campo educacional, o impacto se estende à formação crítica de leitores, à representatividade nos materiais didáticos e à pluralidade de conteúdos literários acessíveis a estudantes de diferentes origens. Além disso, a lógica de automação e massificação, típica das tecnologias generativas, favorece a produção de obras com formatos e discursos padronizados, reforçando estereótipos e limitando o acesso a experiências de leitura que contemplem a complexidade social e cultural. Nesse cenário, a adoção de IA sem mecanismos de governança ética e editorial pode aprofundar as desigualdades no acesso ao conhecimento e empobrecer o ecossistema cultural como um todo, colocando em risco princípios fundamentais da bibliodiversidade, conforme defendido por organismos internacionais como a Unesco (2005).

Tais questões reforçam a urgência de políticas editoriais que considerem não apenas os benefícios operacionais da IA, mas também os riscos sociais, culturais e éticos de sua adoção desregulada. A implementação de certificações como a “Human Authored” e o debate sobre governança algorítmica no campo editorial devem caminhar juntos, visando garantir a diversidade, a equidade e a qualidade nas produções culturais. Esta

breve análise que apresentamos aponta justamente para a necessidade de um equilíbrio delicado em integrar os benefícios operacionais das novas tecnologias sem comprometer os valores culturais, a diversidade de vozes e a integridade do campo editorial enquanto espaço de construção simbólica.

Referências

BRASIL. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. **Inteligência Artificial Generativa no Serviço Público: aspectos técnicos, riscos e recomendações preliminares**. Brasília: Governo Federal, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/infraestrutura-nacional-de-dados/inteligencia-artificial-1/ia-generativa-no-servico-publico.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 2338, de 2023**. Autoria: Senador Rodrigo Pacheco (PSD/MG). Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/157233>. Acesso em: 31 jan. 2025.

CORREIO DO POVO. **Inteligência Artificial abala mercado editorial**. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 4 jun. 2025. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/artegenda/intelig%C3%A2ncia-artificial-abala-mercado-editorial-1.1406706>. Acesso em: 17 jun. 2025.

DARNTON, R. **A questão dos livros – passado, presente e futuro**. Tradução: Daniel Pellizzari. São Paulo, Cia das Letras, 2010.

DARKSIDE BOOKS. **Bem-vindo à Sociedade Secreta DarkSide Books**. DarkSide Books, 29 jun. 2023. Disponível em: <https://darkside.blog.br/bem-vindo-a-sociedade-secreta-darkside-book/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

EDITORIA GENTE. **Sobre nós**. Editora Gente, 2025. Disponível em: <https://www.editoragente.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

EDITORIA MELHORAMENTOS. **Literama – projeto de incentivo à leitura**. Editora Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://materiais.editoramelhoramentos.com.br/quero-adotar-literama-saiba-mais>. Acesso em: 08 jul. 2025.

EDITORIA VISEU. **Sobre a Viseu: uso do Open Monograph Press**. Editora Viseu, [s.d.]. Disponível em: <https://www.editoraviseu.com.br/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

FACCHINI, T. **Setor editorial brasileiro apresenta recuo nominal de 0,8% em 2023 nas vendas ao mercado**. *PublishNews*, São Paulo, 22 maio 2024. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2024/05/22/setor-editorial-brasileiro-apresenta-recuo-nominal-de-08-em-2023-nas-vendas-ao-mercado>. Acesso em: 17 jun. 2025.

GIZMODO BRASIL. **Nova certificação ‘Human Authored’: uma revolução no mundo literário?** *Gizmodo Brasil*, São Paulo, 28 maio 2025. Disponível em: <https://www.gizmodo.com.br/nova-certificacao-human-authored-uma-revolucao-no-mundo-literario-6619>. Acesso em: 17 jun. 2025.

HAWTHORNE, S. **Bibliodiversidade. Um manifesto para a Edição Independiente.** Trad. Sáez Juan Carlos e Alejandro Caviedes, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: La Marca Editora, 2018.

HERRERO, Lorenzo. **Más de 500 millones de historias en manos de la nueva editorial Wattpad Books.** *PublishNews*, São Paulo, 29 jan. 2019. Disponível em: https://www.publishnews.es/materias/2019/01/29/mas-de-500-millones-de-historias-en-manos-de-la-nueva-editorial-wattpad-books?utm_source=PublishNews+-+BR&utm_campaign=a89581013b-EMAIL_CAMPAIGN_2019_01_30_01_34&utm_medium=email&utm_term=0_598a87e1b7-a89581013b-43023001. Acesso em: 17 jun. 2025.

INTRÍNSECA. **Quem somos.** Intrínseca, [s.d.]. Disponível em: <https://intrinseca.store/pages/quem-somos>. Acesso em: 08 jul. 2025.

NOVO SÉCULO. **Editora vende edição de Alice no País das Maravilhas com ilustrações geradas por IA.** Editora Novo Século, 31 jul. 2023. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/tecnologia/noticia/2023/08/editora-brasileira-vende-livro-de-luxo-sem-avisar-que-ilustracao-era-feita-com-ia-e-gera-indignacao.ghtml>. Acesso em: 08 jul. 2025.

NÚCLEO JORNALISMO. **Amazon agora limita autores a publicar no máximo 3 livros por dia.** *Núcleo Jornalismo*, São Paulo, 22 set. 2023a. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/curtas/2023-09-22-amazon-autores-autopublicar-livros/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

NÚCLEO JORNALISMO. **Livros gerados por IA inundam Amazon, e autores independentes temem futuro da autopublicação.** *Núcleo Jornalismo*, São Paulo, 22 ago. 2023b. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/reportagem/2023-08-22-livros-ia-amazon/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

NUCLEO JORNALISMO. **O campo de batalha da inteligência artificial no mercado editorial.** *Núcleo Jornalismo*, São Paulo, 25 mar. 2025. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/interativos/2025-03-25-campo-batalha-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

OLHAR DIGITAL. **IA tem ajudado a produção de livros a crescer, mas isso pode ser um problema.** *Olhar Digital*, São Paulo, 2 dez. 2024. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2024/12/02/pro/ia-tem-ajudado-a-producao-de-livros-a-crescer-mas-isso-pode-ser-um-problema/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PUBLISHNEWS. **IA e inovação movimentam debates do mercado editorial antes da Bienal do Livro Rio.** *PublishNews*, São Paulo, 12 jun. 2025a. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2025/06/12/ia-e-inovacao-movimentam-debates-do-mercado-editorial-antes-da-bienal-do-livro-rio>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PUBLISHNEWS. **O futuro da edição: governança interna e IA até 2027.** *PublishNews*, São Paulo, 26 maio 2025b. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2025/05/26/o-futuro-da-edicao-governanca-interna-e-ia-ate-2027>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SCHIFFRIN, André. **O negócio dos livros: como as grandes corporações decidem o que você lê.** Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

THOMPSON, J. **Mercadores de cultura: o mercado editorial no século XXI.** Tradução de Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

UNESCO (2005). **Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais.** Biblioteca Digital da UNESCO (p. 16).
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000150224> Acesso em: 2 mar. 2025.